

Entre o Cristianismo originário e o Mundo Clássico: Entrevista com André Leonardo Chevitarese¹

André Leonardo Chevitarese²
Gilberto da Silva Francisco³



Entrevista realizada pela plataforma Zoom no dia 21 de dezembro de 2020.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=SrCiwWqG77E&feature=youtu.be>

Revista Heródoto (Gilberto da Silva Francisco): Olá, eu sou Gilberto da Silva Francisco, professor de História Antiga da Universidade Federal de São Paulo, a UNIFESP, e hoje eu tenho o prazer de conversar com o professor André Leonardo Chevitarese, que é titular de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ, onde ele se formou como

¹ A equipe de alunos responsável pela transcrição e revisão desta entrevista foi composta por Augusto Carmo de Lara, Hanna Késia dos Santos Lima, Júlia Barbosa de Araújo Góes e Taísa Amorim. Os trabalhos de transcrição e revisão da entrevista foram coordenados pelo professor Gilberto da Silva Francisco.

² Professor Titular – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: andrechevitarese@yahoo.com.br

³ Professor Adjunto – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, Brasil. E-mail: g.francisco@unifesp.br

historiador e fez também seu mestrado, orientado pelo professor Ciro Flamarion Cardoso, e depois o seu doutorado no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE -USP). O professor André Chevitarese é um dos maiores especialistas do Brasil sobre o Jesus Histórico, mas ele também pesquisou profundamente a experiência grega desde a democracia até o mundo rural, agrário, entre História e Arqueologia. Eu gostaria primeiro de agradecê-lo por ter aceitado nosso convite, pela disposição e disponibilidade em falar com a Revista Heródoto, e depois colocar uma primeira questão: André, você poderia falar um pouco sobre essa sua trajetória inicial? Como você se interessou pelos estudos da Grécia Antiga e pelos temas da democracia e mundo rural na região da Ática?

André Leonardo Chevitarese: Bom, de imediato, Gilberto, eu queria agradecer muito o convite que você e o Glaydson me fizeram para conversarmos hoje. Queria também agradecer a oportunidade de poder contar, falar um pouco dessa minha trajetória acadêmica. Bom, eu estudava no Instituto de Física, dentro da própria UFRJ quando tomei a decisão de abandonar a Física e ir para a História, fazer o curso de História. E, quando chego no curso de História, eu me deparo com uma excepcional professora, Neyde Theml, que era na época a coordenadora dos estudos de Antiguidade Clássica dentro desse Instituto; eu me aproximo dela e começo a acompanhá-la enquanto um jovem pesquisador, ainda com meus vinte e dois anos, e percorri toda a graduação pesquisando e fui monitor na área de Antiguidade grega. Quando eu termino essa minha graduação, já estava completamente inserido, envolvido com os estudos da Antiguidade Clássica, particularmente o mundo antigo grego, e faço uma primeira abordagem analisando a experiência democrática ateniense.

Hoje, pensando em retrospectiva, acho que já era um profundo diálogo que eu fazia entre o passado e o presente. Considerando que a democracia, hoje, é a principal forma de governo que rege, pelo menos, parte do mundo ocidental, dos países ocidentais, curiosamente, nós temos muito pouca informação sobre essa forma de governo entre os autores antigos gregos, porque eles eram marcadamente avessos à democracia. Eles eram prioritariamente oligárquicos, aristocratas, alguns até apoiavam tiranos, mas não eram absolutamente associados à pressupostos democráticos. Então, essa foi a primeira oportunidade que eu tive de estudar com aquele que, na minha opinião, foi o maior dos historiadores que esse país já produziu: Ciro Flamarion Santana Cardoso, que já nos deixou.

Em um segundo movimento, eu fui procurar a professora Haiganuch Sarian, que era, e continua sendo, uma importante referência na área de

estudos arqueológicos. Mas eu não entrei no MAE – USP com a professora Haiganuch. É como se ela tivesse tomado a decisão, naquele ano, de migrar para o departamento de Antropologia. Então, o meu doutorado foi feito com ela na Antropologia. Ela passou alguns poucos anos ali e rapidamente retorna para o MAE. Eu saí com título de doutor em Antropologia Social e não como arqueólogo, se eu tivesse feito o trabalho no MAE.

Foi uma experiência fantástica. A professora Haiganuch me chamava a atenção sobre a formação histórica e como eu poderia olhar todo um conjunto de vasos antigos gregos, particularmente os vasos de figuras vermelhas, e avaliá-los, estudá-los na dimensão do espaço rural. Isso me possibilitou fazer cruzamentos muito interessantes entre o universo de autores que produziam textos e que falavam sobre esse mundo rural, por exemplo, o mundo das caçadas, e os pintores de vasos, muitos deles em condições servis, que recebiam encomendas e idealizavam esse mundo rural à luz do que era a encomenda a ser produzida. Foram seis anos na época o doutorado. Foi um momento muito rico de crescimento intelectual, de maturidade intelectual, porque eu cruzava as informações e recebia novos ares, um novo oxigênio de Ciro e de Haiganuch. Então, foi um crescimento exponencial na minha vida como intelectual.

Heródoto: André, você teve uma experiência como arqueólogo na Escola Francesa de Atenas. Poderia falar um pouco sobre a experiência da escavação, sobre como isso te ajudou a se formar como pesquisador?

Chevitarese: Eu lia bastante trabalhos sobre arqueologia, muita coisa sobre arqueologia, mas, ao mesmo tempo, eu tinha um profundo interesse em entender como arqueólogos, durante o processo de escavação, durante o processo em que estão em campo, produzem as informações que iam parar em artigos de revistas, em capítulos de livros ou nos próprios livros. Então, eu queria entender como se dava esse processo de produção do conhecimento. Em 2000 e em 2002, eu tive a oportunidade de acompanhar os trabalhos da professora Haiganuch no Heraion de Delos, e da Héléne Siard, trabalhando no santuário de Ísis, também em Delos. Então foram momentos muito ricos, muito interessantes para entender, não apenas do ponto de vista teórico, mas do ponto de vista prático, como é que se processa, à luz de escavações, o conhecimento arqueológico. Foi belíssimo.

E essa trajetória eu nunca abri mão. Por exemplo, para se ter uma ideia de como é que essas coisas impactam a gente muito tempo depois, agora, em janeiro de 2021, o IPHAN me deu uma portaria para escavar a área da estação da Leopoldina, aqui no Rio de Janeiro, na região central do Rio Janeiro, onde eu vou fazer algumas verificações, algumas análises sobre

aquela área. Então, vejam como a Arqueologia acabou me impregnando e eu, posteriormente, fui lido, aceito e reconhecido pelo IPHAN como arqueólogo.

Heródoto: E, nessa experiência entre História e Arqueologia, você se interessou também e se aprofundou significativamente como o pesquisador sobre o Jesus histórico. Poderia falar um pouco como foi essa mudança, sobre o que te levou a sair do campo da história grega, da arqueologia grega, e chegar até a questão do Jesus histórico?

Chevitarese: Essa também é uma questão belíssima, porque eu, às vezes, fico pensando um pouco, raciocinando, se algum dia eu deixei de ser um historiador de Antiguidade Clássica, se eu deixei, de fato, esse mundo clássico. Eu acho que não, porque quase tudo que eu publico dentro do campo desse cristianismo originário está em interseção; é um campo de transdisciplinaridade e de aproximações entre a literatura neotestamentária e as literaturas clássicas. Dou alguns rápidos exemplos. A ideia de se ler Jesus como um *theos aner*, como um homem divino. Bom, se eu tomo a decisão de lê-lo assim – e eu o leio – eu encontro uma série de figuras disseminadas na literatura grega que são lidas como homens divinos; então, eu posso estabelecer comparações. Por exemplo, um mal-estar que um desses evangelistas do quarto Evangelho, conhecido como João Evangelista, produz em Jesus alocá-lo próximo de um poço na região da Samaria e, onde, aparece uma mulher com quem ele começa a conversar.

Eu produzi um artigo, que ainda pretendo publicar, sobre a presença de homens em fontes públicas em vasos áticos de figuras negras e vermelhas, mostrando que eles são, de fato, pessoas desocupadas – homens desocupados que aproveitam a oportunidade de encontrar mulheres sozinhas em fontes públicas para molestá-las. Então, isso me ajudou a ler essa passagem de Jesus em um poço e a pergunta que os seus discípulos colocaram quando o viram conversando quando o viram conversando com essa mulher no poço: “ele está conversando com uma mulher? O que ele quer com ela?”

Percebe? A própria ideia da moral de que mulheres de boa reputação – vamos chamar assim –, colocando-as em um nível mais alto *dekaloi k'agathoi*, essas mulheres belas e bem-nascidas jamais iriam à uma fonte ou a um poço públicos. Elas teriam o poço dentro da sua própria casa. Quem sairia para buscar água eram mulheres de baixo estatuto social e, quando não, escravas. Então, eu acho que eu nunca deixei de fazer as comparações, as análises comparadas entre a literatura e a cultura material gregas com esse mundo mediterrânico do cristianismo.

Heródoto: Então, você não abandonou um campo e foi para outro. Essa sua leitura do Jesus histórico tem a ver com aquela sua experiência, e com o seu conhecimento sobre a História e a Arqueologia da Grécia. Isso é muito interessante. E é uma questão sobre como lidar com esse tema do Jesus histórico no Brasil, porque a gente sabe que, não só no Brasil, mas internacionalmente, esse é um tema que é bastante discutido em esferas variadas.

É diferente, por exemplo, quando a gente pensa na história da Grécia Antiga que tem círculos menores, debates que são importantes, mas que são mais delimitados. Quando a gente pensa na questão do Jesus histórico, na existência dessa figura, são debates muito importantes e que alcançam, inclusive, a ação de pessoas que estão nos meios religiosos, especialistas teólogos, mas também os pastores e padres e a comunidade cristã. Como é se colocar como pesquisador nesse cenário?

Chevitarese: Eu acho que, no Brasil, é viver no limbo. No limbo por quê? Do ponto de vista dos meus pares, historiadores, muitos confiam que eu não faço História e sim Teologia. Do ponto de vista dos teólogos e cientistas da religião, eles também me olham de soslaio, porque entendem que esse tema não diz respeito à História, mas sim à praia deles. Bom, em ambos os casos eu resolvo da seguinte maneira: eu não me vejo como um historiador na sua exclusividade. Eu sou um cientista social. Eu penso que a História se insere no campo das Ciências Sociais e, de acordo com o censo do IBGE, 86% dos brasileiros, no censo de 2010, se declararam cristãos.

Efetivamente, nós, historiadores, pelo menos na formação de nossos estudantes, na formação dos nossos graduandos e graduandas, temos muito pouca coisa a dizer sobre esses 86% da população brasileira. Então, é interessante que nós incentivamos nossos estudantes – de forma muito correta – a ler *Ilíada*, a *Odisséia*, a ler os grandes clássicos como Maquiavel, por exemplo, ou a ler outro grande clássico, mas nós não os incentivamos a ler o *corpus* bíblico, ou *ascorpora* bíblicas, porque é o Antigo e o Novo Testamento. Nós não os incentivamos a ler como literatura. Nós, historiadores, costumamos pular esse tipo de documentação e deixamos de qualificar esses futuros professores da rede municipal, da rede estadual, das redes particulares. Deixamos de qualificá-los para intervir em sala de aula, produzindo debates sobre isso.

Então, conclusão: quando eu era ainda um jovem professor, com meus vinte e poucos anos no início na PUC de São Paulo e depois na UFRJ, o que eu via de História do Brasil é que nós tínhamos que parar normalmente ali na chamada Revolução, ou Golpe militar, de 1964, percebe? Dali para frente, eram antropólogos, eram sociólogos que iriam falar dos desdobramentos. Então, nós abríamos mão de muita coisa. Só

recentemente, os historiadores passaram a se interessar pelos estudos de sindicatos. Só muito recentemente, alguns poucos historiadores se interessam em falar sobre culturas indígenas como se isso fosse só um problema do antropólogo. Só muito recentemente, alguns poucos historiadores têm se voltado para discutir as questões relacionadas aos temas do cristianismo.

Então, nós estamos criando uma nova área, dentro dessa grande área chamada História, voltada para o estudo do cristianismo, de modo a quebrar a primazia, a retirar a exclusividade de um estudo muito confessional sobre esse objeto por parte de teólogos e por parte de cientistas da religião.

Heródoto: Pensando nisso que você acabou de falar, dessa perspectiva teológica e essa mais, digamos, científica, ligada a esse quadro das Ciências Humanas, o que essa visão sobre o Jesus histórico apresenta de diferente da visão teológica, confessional?

Chevitarese: O Jesus histórico não é fruto do século I, do século II, ao contrário: ele é fruto dos desdobramentos do Iluminismo, ele é fruto do que nós chamamos Modernidade. Isto é, o primeiro autor a trabalhar o Jesus histórico só vai fazer esse estudo na década de oitenta do século XVIII, não antes disso. Falar do Jesus histórico é falar à luz de critérios absolutamente pautados nas ciências. Então, já se produz um mal-estar porque a discussão de fé, que é absolutamente uma discussão da subjetividade – ou ele tem ou não tem fé – isso é do âmbito privado.

As pesquisas do Jesus histórico querem trabalhar e discutir temas que passam pelo crivo da razão, pelo crivo da ciência; então, nós não nos interessamos pelos Jesus Cristo, nós nos interessamos pelo Jesus de Nazaré. Nós não queremos saber se Jesus ressuscitou ou não ressuscitou, porque para nós, historiadores, há um limite da nossa pesquisa: nós trabalhamos com questões físicas e não metafísicas. Nós instauramos limites e produzimos reflexões do âmbito da academia, da ciência, para discutir diversos objetos. Por exemplo, pode uma experiência religiosa ser destituída do seu elemento mágico, do seu elemento mítico? Esse é o ponto.

E, como nós observamos o olhar de Jesus muito sisudo produzido por teólogos, a partir do século XIX, e não antes disso, claramente a gente observa que há uma tradição inventada, como diria o Hobsbawm, para projetar para o século I um Jesus que não tinha nada a ver com magia, que não tinha nada a ver com mito. Então, a pesquisa do Jesus histórico reinsere esse indivíduo dentro da história, retira-o de um patamar metafísico e o coloca no patamar físico. Portanto, Jesus sabia ler? Bom, eu tenho trabalhos publicados nessa área, e o que se vai verificar é que,

sendo ele de origem camponesa, a probabilidade de ele ser um analfabeto é gigantesca e as raras passagens que ele se apresenta escrevendo são interpolações.

Então nós, historiadores da religião, chamamos esses objetos todos para o debate e vamos ser lidos como a mosca na sopa, aqueles indivíduos que querem falar do ponto de vista mais acadêmico e não tão apaixonado como a dimensão da fé.

Heródoto: André, para finalizar eu lhe pediria algumas indicações para leitura: por exemplo, para quem tem interesse nesse tema, qual livro bíblico ou obra antiga você indicaria? Uma fonte para essa pessoa ler e também uma obra historiográfica, um debate historiográfico que você indicaria para a pessoa começar a ler sobre esse tema do Jesus histórico.

Chevitarese: Eu indicaria, do ponto de vista de leitura bíblica, as traduções que o Frederico Lourenço, um acadêmico de Coimbra, professor de Letras Clássicas, um intelectual bastante respeitado, fez da Bíblia. Inclusive, tem algo interessante que ele mesmo discute sobre como foi o projeto de tradução. Ele é gay. É casado, inclusive, com um brasileiro, e como ele não é religioso. Ele fez essa tradução sem o olhar teológico envolvido. Como um acadêmico, um intelectual que é, um baita conhecedor do grego, ele faz um enfrentamento e uma tradução retirando dali todas as dimensões teológicas que as Bíblias confessionais costumam apontar. Então, as traduções do Frederico Lourenço pela Companhia das Letras são excelentes, as notas de rodapé são enxutas e absolutamente isentas de qualquer tentativa de agregar ao texto aquilo que ele não contempla.

Com relação a uma historiografia, há várias escolas, mas eu gosto muito daquela chamada do *Jesus Seminar*, ou Seminário Jesus, que são intelectuais oriundos dos mais diferentes campos dos saberes, cientistas da religião, filósofos, antropólogos, historiadores, sociólogos, arqueólogos, gente muito boa que, anualmente, encontra-senas reuniões que são chamadas ou convocadas, e o *Jesus Seminar* tem produzido um conjunto muito bom, um conjunto muito grande de obras. E eu acho que o principal desses autores é o John Dominic Crossan, que é um irlandês que é um erudito, um intelectual, e, eu diria, um gênio que está vivo e que eu tive o prazer de convidá-lo para vir ao Brasil em 2006 ou 2007, se não me falha a memória. Ele também têm obras em língua portuguesa traduzidas quando da vinda dele ao Brasil. Quem encontrar esse tipo de obra pode comprar, porque é coisa boa.

Eu não vou indicar meus livros porque acho que isso é bastante desagradável, mas, quem quiser, não está nos planos do gênio: está no

plano mais de um simples mortal; tem algumas coisas que eu também produzi.

Heródoto: André, muitíssimo obrigado pela aula que você deu. Eu agradeço em meu nome e em nome da revista *Heródoto*. Muito obrigado e até a próxima!

Chevitarese: Eu que agradeço, Gilberto. Muito obrigado!